

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE
PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA**Bordando afetos: a experiência de grupos terapêuticos com mulheres e mães**

Mharianni Ciarlini de Sousa Bezerra
Letícia Vieira Goulart
Anna Victoria Freitas Martins
Hudson Cesar de Souza Barao Vieira

As oficinas de criatividade para mulheres foram propostas como alternativa para acolher a experiência das mães que acompanhavam seus filhos em atendimento psicológico no Serviço Escola de Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba. O bordado, atividade tradicionalmente vinculada ao feminino e marginalizada como trabalho doméstico artesanal, foi escolhido como recurso manual expressivo para as oficinas devido ao seu valor simbólico, político e subjetivo. Os encontros grupais ocorreram durante dois meses com tempo médio de cem minutos para cada encontro. As mulheres cisgênero participantes eram mães biológicas de crianças diagnosticadas com desenvolvimento neuroatípico, algumas delas possuíam mais de um filho nessa condição e residiam com companheiros em configuração familiar extensa. O referencial teórico-metodológico que fundamentou a modalidade clínica em questão e orientou a prática profissionalizante dos estagiários e supervisora foi a Abordagem Centrada na Pessoa. A compreensão da experiência vivida pelas participantes e pelos promotores das oficinas deu-se à luz dos pressupostos da Fenomenologia desenvolvida por Husserl e Stein. Dessa maneira, priorizou-se o encontro dialógico autêntico, a escuta empática e a valorização da experiência intersubjetiva como núcleo do processo terapêutico, favorecendo o movimento grupal e as ressonâncias intercorporais geradas no encontro a partir das narrativas experienciais das participantes. O bordado configurou dispositivo facilitador da composição simbólica de elementos experienciais durante os encontros, entrelaçando experiências singulares e coletivas em um processo de elaboração intersubjetiva. Além disso, o ato de bordar proporcionou um espaço de suspensão do tempo cronológico, favorecendo a escuta interna, a compreensão das experiências emocionais, da própria constituição relacional com os filhos e o não pertencimento ao mundo normativo. O contato interpessoal com os próprios filhos e companheiros foi ressignificado pelas mulheres participantes, que espontaneamente problematizaram seus relacionamentos e

processualmente compartilharam suas conquistas ao longo do grupo terapêutico. Observou-se a maternidade experienciada de forma singular, apesar de conter elementos estruturais que favorecem o reconhecimento de si mesmas quando estiveram diante de contextualizações que promoveram rápida conexão, empatia e compaixão entre elas. A experiência de tornar-se mãe transformou a relação de cada mulher com o mundo vivido, ressignificando seus critérios pessoais e referências familiares e psicossociais. Trata-se de um processo de tornar-se pessoa que reorganiza os sentidos da existência pela urgência de coexistir com os filhos, atualizando sua trajetória humana, que passa a ser considerada mais profundamente complexa e multifacetada.

Palavras-chave: Maternidade atípica; Grupo terapêutico; Abordagem centrada na pessoa; Fenomenologia.